

Série **Artigos**



O bebedouro Mourisco desaparecido de Manaus

Patrimônio urbano, modernidade
importada e o mistério de um
monumento perdido na Belle
Époque Amazônica

DURANGO DUARTE



O BEBEDOURO MOURISCO **DESAPARECIDO DE MANAUS**

Patrimônio urbano, modernidade importada e o mistério de um monumento perdido na Belle Époque Amazônica

Resumo

Entre os diversos elementos que compuseram a paisagem urbana de Manaus durante o ciclo da borracha, poucos simbolizam tão bem a conexão entre a Amazônia e a modernidade internacional quanto o desaparecido bebedouro mourisco de ferro fundido fabricado pela Walter MacFarlane & Co., da Saracen Foundry, em Glasgow, Escócia. Instalado inicialmente na antiga Praça Roosevelt e posteriormente transferido para a Avenida Getúlio Vargas, diante do Cine Polytheama, o monumento integrou por décadas o cotidiano da cidade. Seu desaparecimento, ocorrido provavelmente entre as décadas de 1950 e 1960, permanece sem explicação oficial conhecida. Este artigo analisa a trajetória histórica da peça, inserindo-a no contexto da circulação global de artefatos industriais britânicos, da modernização urbana promovida pela economia da borracha e das perdas patrimoniais que marcaram Manaus ao longo do século XX. O estudo incorpora ainda

a análise do artigo “Onde pairam as gárgulas?”, publicado por Mário Ypiranga Monteiro no Jornal do Comércio em 23 de novembro de 1965, documento que constitui uma das mais importantes fontes primárias conhecidas sobre o desaparecimento do monumento.

Palavras-chave: História Urbana; Patrimônio Cultural; Belle Époque Amazônica; Walter MacFarlane; Manaus; Saracen Foundry.

Introdução

A história urbana não é feita apenas de grandes edifícios. Fontes, chafarizes, gradis, postes, monumentos ornamentais e equipamentos públicos também constituem documentos materiais capazes de revelar as relações entre poder, economia, cultura e memória.

No caso de Manaus, uma das mais intrigantes ausências da paisagem histórica é o desaparecimento do antigo bebedouro mou-risco de ferro fundido que durante décadas ornamentou espaços centrais da cidade.

Mais do que um equipamento urbano destinado ao fornecimento de água, o monumento representava a presença concreta da Revolução Industrial britânica na Amazônia. Sua trajetória conecta a capital amazonense aos grandes circuitos internacionais de produção industrial, comércio marítimo e circulação de modelos urbanos que caracterizaram o final do século XIX.

Seu desaparecimento, por outro lado, expõe as fragilidades dos processos de preservação patrimonial em Manaus e suscita questões ainda sem resposta definitiva.

Onde foi parar o bebedouro?

Foi desmontado?

Transformado em sucata?

Transferido para propriedade privada?

Ou permanece esquecido em algum depósito público?

Mais de meio século depois, o mistério continua.

A Saracen Foundry e a globalização do ferro ornamental

A origem do monumento remete à cidade escocesa de Glasgow, um dos maiores centros industriais do mundo durante a Revolução Industrial. Ali funcionava a Saracen Foundry, pertencente à empresa Walter MacFarlane & Co., fundada em 1850. Ao longo da segunda metade do século XIX, a empresa tornou-se referência internacional na fabricação de estruturas ornamentais em ferro fundido.

Seu catálogo incluía: fontes monumentais; bebedouros públicos; coretos; mercados metálicos; postes de iluminação; pavilhões; escadarias; portões e elementos arquitetônicos decorativos.

A empresa operava segundo uma lógica industrial inovadora: cidades e governos podiam escolher modelos ilustrados em catálogos impressos e recebê-los desmontados por navio em qualquer parte do planeta.

Essa produção em série explica por que exemplares semelhantes podem ser encontrados na Europa, África, Ásia, Oceania e América Latina.

O ferro fundido tornou-se, assim, uma linguagem universal da modernidade urbana.

A Belle Époque Amazônica e o projeto de uma cidade cosmopolita

A prosperidade gerada pela borracha transformou Manaus entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX.

A elite local passou a investir na construção de uma cidade alinhada aos modelos europeus de civilidade, higiene e monumentalidade.

A historiografia da *Belle Époque* Amazônica, especialmente os estudos de Ana Maria Daou, Edinea Mascarenhas Dias, Otoni Mesquita e Samuel Benchimol, demonstra que a modernização urbana de Manaus foi concebida como um projeto simbólico.

Não bastava enriquecer, era necessário parecer moderno.

Nesse contexto foram implantados: Teatro Amazonas; Mercado Municipal Adolpho Lisboa; sistema de abastecimento de água; rede de esgotos; bondes elétricos; jardins públicos e mobiliário urbano importado.

O bebedouro mourisco integrava esse universo material.

O orientalismo vitoriano e o estilo mourisco

O chamado estilo mourisco, presente no monumento, era uma das expressões mais características do ecletismo arquitetônico do século XIX.

Inspirado em referências islâmicas da Península Ibérica, do Norte da África e do Oriente Médio, o orientalismo foi amplamente incorporado pela arquitetura britânica vitoriana.

As fundições industriais passaram a reproduzir arcos recortados, cúpulas, rendilhados metálicos e colunas ornamentadas em objetos destinados aos espaços públicos.

O resultado era uma combinação singular entre tecnologia industrial e exotismo decorativo.

O bebedouro de Manaus representava precisamente essa síntese.

O monumento na paisagem urbana manauara

As referências iconográficas disponíveis indicam que o monumento foi inicialmente instalado na antiga Praça Roosevelt.

Posteriormente foi transferido para o canteiro central da Avenida Getúlio Vargas, diante do Cine Polytheama, um dos principais espaços de sociabilidade da cidade.

Sua localização privilegiada reforçava tanto sua função utilitária quanto seu valor estético.

O monumento oferecia água à população ao mesmo tempo em que contribuía para o embelezamento urbano.

Era parte integrante da experiência cotidiana da Manaus da primeira metade do século XX.

O testemunho de Mário Ypiranga Monteiro

Uma das mais importantes contribuições documentais para a história do monumento encontra-se no artigo “Onde pairam as gárgulas?”, publicado por Mário Ypiranga Monteiro no Jornal do Comércio de 23 de novembro de 1965.

Advogado, professor, historiador, etnógrafo e um dos maiores intelectuais amazonenses do século XX, Mário Ypiranga registrou sua indignação diante do desaparecimento de elementos históricos da cidade.

Escreveu:

“Daqui desta coluna já dirigi aos poderes competentes, por várias vezes, perguntas sobre o paradeiro dos amores de ferro fundido da fonte monumental da praça Osvaldo Cruz, e também do misterioso sumiço que levou o bebedouro de ferro fundido da avenida Getúlio Vargas.”

O trecho demonstra que, em 1965, o desaparecimento da peça já era conhecido e motivo de preocupação pública.

Mais adiante, o autor fornece uma informação de enorme relevância para a biografia urbana do monumento:

“...nem se procurou cascavilhar por aí para saber o paradeiro do artístico bebedouro que o grande prefeito dr. José Francisco de Araújo Lima trasladou para defronte do Cine Politeama, ali na célebre avenida do Pau Sêco.”

A passagem constitui uma das mais importantes referências documentais atualmente conhecidas sobre a movimentação do monumento dentro da cidade.

Ainda mais impressionante é a hipótese levantada pelo historiador acerca de seu destino:

“Do bebedouro é possível que algum argus o encontre por aí oculto nalguma residência, ou pior, jogado no monturo, sabe Deus onde.”

Passadas seis décadas, as suspeitas formuladas por Mário Ypiranga continuam entre as explicações mais plausíveis para o desaparecimento da peça.

O desaparecimento: patrimônio sem inventário

Até o presente momento não foram localizados documentos administrativos que esclareçam oficialmente o destino do monumento.

A ausência de registros reforça a hipótese de que a remoção ocorreu num período em que ainda não existiam mecanismos eficazes de proteção do patrimônio urbano local.

O caso não foi isolado. Ao longo do século XX, inúmeros elementos históricos desapareceram das cidades brasileiras. Coretos foram desmontados, fontes foram removidas, gradis ornamentais foram vendidos e esculturas foram destruídas.

Muitas dessas perdas jamais foram registradas.

O bebedouro mourisco de Manaus tornou-se um dos exemplos mais emblemáticos desse processo.

Humaitá: o irmão sobrevivente

A principal referência material para compreender o monumento desaparecido encontra-se em Humaitá. Na Praça Benjamin Constant permanece preservado um bebedouro monumental produzido pela mesma fabricante escocesa.

Associado às comemorações do Jubileu de Diamante da Rainha Vitória em 1897, o monumento foi adquirido pelo Governo do Amazonas durante o período de prosperidade econômica da borracha.

A peça mede aproximadamente 2,60 metros de altura e apresenta colunas ornamentadas, bacia central e cobertura decorativa.

Após décadas de deterioração, foi restaurada pela Secretaria de Estado de Cultura entre 2013 e 2016.

Sua preservação oferece uma rara oportunidade para compreender o aspecto original do desaparecido monumento manauara.

O caso Belmonte e a falsa pista baiana

A existência de um bebedouro semelhante na cidade de Belmonte, Bahia, alimentou durante anos a hipótese de que a peça desaparecida de Manaus teria sido transferida para aquele município. Contudo, a análise histórica não sustenta essa interpretação.

A Walter MacFarlane & Co. produzia seus monumentos em série, modelos idênticos eram vendidos simultaneamente para diferentes cidades. A semelhança entre os exemplares demonstra apenas a ampla circulação internacional dos produtos da Saracen Foundry.

Não existe evidência documental que comprove a transferência do monumento amazonense para a Bahia.

Patrimônio ausente e memória urbana

A historiografia contemporânea do patrimônio cultural desenvolveu o conceito de patrimônio ausente para designar bens desaparecidos fisicamente, mas ainda presentes na memória coletiva. O bebedouro mourisco enquadra-se perfeitamente nessa categoria.

Embora sua materialidade tenha desaparecido, sua importância histórica permanece viva por meio de fotografias, relatos, documentos e estudos.

Paradoxalmente, sua ausência tornou-se uma forma de presença.

O monumento desaparecido continua produzindo memória.

Considerações finais

A trajetória do bebedouro mourisco de Manaus sintetiza aspectos centrais da história amazônica moderna.

Ele nasceu da Revolução Industrial britânica, chegou à Amazônia impulsionado pela riqueza da borracha, integrou o projeto civilizatório da Belle Époque e desapareceu durante os processos de transformação urbana do século XX.

O artigo de Mário Ypiranga Monteiro demonstra que sua perda já era percebida como escândalo patrimonial em 1965. Não se trata, portanto, de uma preocupação retrospectiva.

A sociedade manauara já denunciava, naquele momento, o desaparecimento silencioso de elementos fundamentais de sua paisagem histórica.

Hoje, o bebedouro permanece como um símbolo da necessidade de documentar, proteger e valorizar não apenas os grandes monumentos, mas também os objetos urbanos que ajudam a construir a identidade das cidades.

Seu paradeiro continua desconhecido. Sua história, porém, permanece viva.

BOX 01 Quem foi Walter MacFarlane?

Walter MacFarlane (1817–1885) foi um industrial escocês fundador da Saracen Foundry, em Glasgow.

Sua empresa tornou-se uma das maiores fabricantes mundiais de ferro ornamental do século XIX, exportando para mais de cem países.

Muitas cidades brasileiras ainda preservam peças produzidas por sua fundição.

BOX 02 Mário Ypiranga Monteiro e a defesa do patrimônio

Autor de mais de uma centena de obras sobre história, folclore, etnografia e cultura amazônica, Mário Ypiranga Monteiro foi um dos primeiros intelectuais amazonenses a denunciar publicamente a destruição do patrimônio histórico local.

Seu artigo “Onde pairam as gárgulas?”, publicado em 1965, constitui hoje documento fundamental para a história do desaparecimento do bebedouro mourisco.

BOX 03 Linha do tempo do monumento

Final do século XIX

Produção pela Walter MacFarlane & Co., em Glasgow.

Início do século XX

Instalação em Manaus.

Primeira metade do século XX

Transferência para a Avenida Getúlio Vargas.

Décadas de 1950–1960

Desaparecimento do monumento.

1965

Mário Ypiranga Monteiro denuncia publicamente o sumiço da peça.

Século XXI

O monumento permanece desaparecido.

Apêndice Historiográfico

A pesquisa sobre o bebedouro mourisco encontra-se em fase aberta. Apesar dos avanços obtidos por meio da iconografia histórica, da literatura memorialística e da identificação do artigo de Mário Ypiranga Monteiro, permanecem questões sem resposta.

Entre as fontes prioritárias para futuras investigações destacam-se:

- Relatórios da Prefeitura de Manaus;
- Relatórios do Governo do Amazonas (1940–1970);
- Acervo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas;
- Arquivo Público do Estado do Amazonas;
- Acervo do Museu Amazônico da UFAM;
- Coleções completas do Jornal do Comércio;
- Acervo fotográfico de Silvino Santos;
- Catálogos originais da Saracen Foundry;
- Correspondência comercial da Walter MacFarlane & Co.

A localização de inventários municipais ou documentos de remoção poderá, no futuro, esclarecer definitivamente o destino do monumento.



Referências

BENCHIMOL, Samuel. *Manaus: lembranças e memórias*. Manaus: Editora Valer.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus 1890-1920*. Manaus: Valer.

MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: história e arquitetura*. Manaus: Valer.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. “Onde pairam as gárgulas?”. *Jornal do Comércio*. Manaus, 23 nov. 1965.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: Projeto História.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos*. São Paulo: Perspectiva.

SARACEN FOUNDRY. *Illustrated Catalogue of MacFarlane's Castings*. Glasgow, c. 1890.

SILVA, Joaquim. *Monumento desaparecido de Manaus*. Blog Manaus de Antigamente.

ALMEIDA, Yasmim Silva de; PALÁCIOS, Flávia Olegário. “Da Escócia à Amazônia: os dutos verticais metálicos da fábrica escocesa W. MacFarlane & Co. nas fachadas do Centro Histórico de Belém”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, 2020.

Série Artigos

